

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Jitsunori Tsuha**

**Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira” - ETEc Bento Quirino**

**Campinas**

**2018**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Américo Baptista Villela

Instituição: Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

ETE “LAURO GOMES”: UMA HISTÓRIA, Profa. Elisabete da Cunha Kubilius, de Língua e Literatura, consultado em 21 de agosto de 2018, <http://www.etelg.com.br/paginaete/escola/projeto.htm> sobre o Professor Jitsunori Tsuha.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Américo Baptista Villela

Local da entrevista: Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira” da Etec Bento Quirino, Av. Orozimbo Maia, 2600 – Vila Estanislau (Cambuí), em Campinas

Data: 22 de agosto de 2018

Técnico de gravação: Edis Cruz

Duração: 56 minutos e 35 segundos

Número de vídeos: 1

Transcritor: Américo Baptista Villela

Número de páginas: 18

## **Sinopse da entrevista**

A entrevista é parte da execução do projeto “História Oral na Educação: Memórias do Trabalho Docente” que está sendo desenvolvido pelo GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Memórias e História da Educação Profissional. A mesma foi realizada durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo grupo na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, coordenadas pela professora Dra. Maria Lucia Mendes de Carvalho. A escolha de entrevistar o professor Jitsunori Tsuha se deve a sua longa e diversificada convivência com a educação profissional realizada no âmbito das escolas que compõe o Centro Paula Souza e da administração do mesmo. Esta experiência se inicia com três anos de curso técnico que ele realizou na Etec Lauro Gomes e prossegue em 43 anos como professor, coordenador de curso nas Etec Lauro Gomes e Bento Quirino, Diretor da Etec Lauro Gomes e membro da administração central. Nessa primeira entrevista, ele nos oferece não apenas as suas lembranças, mas também as suas expectativas sobre o futuro da educação profissional e tecnológica e nos convida a refletir sobre a importância da mesma e o papel dos professores no processo de formação dos alunos.

## **Transcrição da entrevista**

Entrevistado: **Professor Jitusonori Tsuha** / Etec Bento Quirino, em Campinas

Data da transcrição da entrevista: setembro de 2018

Nome do transcritor: Américo Baptista Villela

**ABV:** Bom essa entrevista é parte da execução do projeto de história oral da educação profissional “Memórias do Trabalho Docente” que está sendo desenvolvido pelo GEPEMHEP – Grupo de Estudos e Pesquisa em Memória e História da Educação Profissional coordenado pela professora Maria Lúcia. Neste momento nós vamos dar início a entrevista com o professor Jitsunori Tsura, professor da ETEc Bento Quirino e que atua junto a

educação profissional (telefone toca ao fundo) a mais de quarenta anos. (pausa) Bom, professor, inicialmente eu gostaria de que o senhor nos informasse, né, a sua origem, seu local de nascimento, né, a sua trajetória nos anos iniciais.

**JT:** Bom eu sou nascido no Japão, para ser mais exato em Okinawa e eu vim muito, muito pequeno para o Brasil, eu vim com dois anos e meio para o Brasil e nesse tempo ai acabei me naturalizando. Sou brasileiro por opção, como eu sempre brinco, não é por nascimento. É..., a minha escolaridade, ela começa no, no antigo primário, peguei a época do primário, o exame de admissão, do primário para o ginásio, o ginásio também fiz em escola pública em São Caetano, tanto o primário quanto o ginásio eu fiz em São Caetano do Sul. E, quando eu tava na última série do ginásio, na quarta série do ginásio, eu comecei a me preocupar em o que estudar no nível médio? Foi quando em conversa com um professor, ele me estimulou a fazer o curso técnico. Isso na, era um professor de física e ele, ele achava interessante que eu deveria fazer um curso técnico e não o curso de física nuclear que era o meu sonho inicial. (rsrs). Eu me lembro então, que por conta dessa decisão, eu acabei indo para fazer um curso técnico, é, fiz um curso profi, o chamado cursinho, que era um cursinho preparatório para vestibular de escola técnica e acabei entrando na Lauro Gomes. Então, de setenta e um a setenta três, eu fiz o meu curso técnico na Lauro Gomes. Eu sou da primeira turma de eletrônica e eletrotécnica da escola técnica Lauro Gomes. Em setenta e quatro, eu comecei, entrei no curso de engenharia, em São Bernardo, era engenharia operacional, era um curso de três anos e em setenta e sete eu conclui, a, o curso de engenharia, mas nesse meio tempo, enquanto eu tava fazendo a engenharia, eu já estagiava e trabalhava na área de eletrotécnica, como técnico, mas eu tive a oportunidade de trabalhar na escola técnica, como professor. Na época, a Lauro Gomes permitia que o, o interessado que tivesse uma formação em nível técnico e uma parte do nível superior concluído, ele poderia ser admitido como, chamavam professor de prática profissional, era esta a denominação na época. Eu fiz o, o processo de seleção e fui aprovado e pra mim foi muito interessante porque eu retornava como professor pra escola, onde eu tinha sido aluno. Então, a minha vida profissional como professor de ensino técnico começa em mil novecentos e setenta e cinco. Para ser mais exato, em dezenove de agosto de mil novecentos e setenta e cinco. É, de, dessa data, mil novecentos e setenta e cinco, agosto de setenta e cinco que até mil novecentos e oitenta, a, a Lauro Gomes, ela fazia parte de um grupo de escolas que tinham uma, autonomia administrativa, a e com a situação política na época, em oitenta, e teve, teve um impasse com relação à continuidade desses convênios que, davam vida para estas escolas. Então eu me lembro que em oitenta e um, nós somos chamados pela direção da escola e a situação foi esta: ou a gente continuava, assinava um contrato para dar continuidade aos nossos trabalhos na escola, ou simplesmente a gente seria demitido. Foi quando a escola técnica, o, a Lauro Gomes passa a fazer parte do Centro Paula Souza, então, oficialmente desde mil novecentos, desde janeiro de oitenta e um, eu faço parte do Centro Paula Souza. É que pelo processo de admissão, o, o período

anterior de oitenta e um, ele também foi incorporado ao, ao meu tempo de trabalho no Centro Paula Souza. Nesse tempo de setenta cinco a oitenta e um e depois de oitenta um para frente, eu fiquei até noventa seis trabalhando na Lauro Gomes, na escola técnica Lauro Gomes. Eu comecei como professor de prática profissional mesmo, depois eu fui para professor de laboratório, e, nesse tempo, como eu já tinha concluído o curso de engenharia, eu já poderia ser, é promovido, não é, para professor três, que na época era professor C, que era a maior categoria que a gente tinha. Eram só três níveis de professor, professor A, B e C, então eu pude ser promovido para professor C, e eu já tive, já fiz uma carreira começando como professor, passei rapidamente para a coordenação de, que na época era chamada de coordenação de área, de área de eletrotécnica e eu fiquei na, na, como coordenador de setenta e oito, setenta e nove até oitenta e três. Foi uma coisa mais ou menos direta, só que nesse tempo como eu já tinha concluído o curso de, de, de engenharia e logo a seguir, logo que eu conclui engenharia eu fui fazer matemática também, nessa época eu já tinha concluído engenharia e matemática, e qual era a minha preocupação? Era no sentido de eu enriquecer mais para trabalhar como professor que isso me daria uma condição melhor como professor e isso também permitiria uma condição salarial um pouco melhor também na, na Lauro Gomes. Eu tive também a oportunidade nessa época de participar do primeiro grupo de, de professores que faziam parte do esquema. Esquema era um curso que a gente chamava de curso de licenciatura para quem era graduado, ou para quem só tinha o curso técnico. Então, tinha o curso de esquema um e esquema dois. Na época eu lembro que eles questionaram a minha, o meu diploma, minha formação em operacional, em engenharia operacional, ai eu falei: se eu não posso entrar como engenheiro operacional, eu posso entrar como técnico e acabei fazendo o esquema dois. E foi, é um curso de licenciatura, é, com, com reconhecimento tanto na parte de graduação propriamente, quanto na parte de formação licenciatura. Para mim também foi bastante interessante porque eu acho, eu tive oportunidade pela primeira vez de, é, trabalhar de maneira mais científica e apreender de maneira mais científica, o processo de desenvolvimento de um adolescente que é, era o público com o qual eu trabalhava. É ..., metodologias didáticas, a gente teve oportunidade de trabalhar, eu tive também oportunidade de observar e entender, a história da própria, é, educação técnica. Tanto da educação técnica, quanto da, da educação. Então, eu acho que esse curso, ele veio acrescentar para mim, para minha formação, então eu já tinha a, então, nessa altura e isso é oitenta e três, eu já tinha o curso de engenharia operacional, mais o curso de matemática e o curso de licenciatura em eletrotécnica. Acho que isso dá, dá uma formação mais embasada pra mim, mas eu nunca deixei de atuar como, é, um especialista na área de eletrotécnica. Sempre trabalhei também, é, como projetista de instalações elétricas, que também acabava complementando também a minha formação e minha experiência também na própria lida da, das aulas. Em noventa e dois, eu tive a oportunidade de participar da administração central, trabalhar na administração central, da, do Centro Paula Souza, junto à então coordenadoria do ensino, (pausa) coordenadoria do ensino de segundo grau, né, que depois se transformou em coordenadoria do ensino técnico, a

CETEC. É, eu trabalhei de noventa e dois até final de noventa e cinco, na administração cen, na administração central. Foi uma experiência também bastante importante porque eu passei a ter a visão mais ampliada, a visão da instituição e acho também que o que mais, é, marcou nesse período, é que até noventa e três, o Centro Paula Souza tinha então quatorze escolas técnicas e em noventa e quatro ela passou a contar com oitenta, noventa, noventa e quatro escolas técnicas. Foi quando o Centro absorveu as escolas técnicas, é, junto, que estavam juntos à, vinculadas à Secretaria de Educação. Então, a partir de noventa e quatro e noventa e cinco, foram dois anos de bastante trabalho, mas que foram, depois a gente faz essa avaliação, mas eu tive oportunidade também de observar e conhecer muitas outras escolas, não é? Imagine uma instituição que você tem, de quatorze escolas pular para oitenta e seis escolas técnicas, é, era um trabalho monstruoso e eram escolas, é, é, como a gente falava na nas nossas reuniões na administração central, eram escolas com todas as necessidades possíveis. A gente trabalhava, imagina você trabalhar num universo de quatorze escolas, era como se fossem escolas, é, a gente conhecia praticamente desde o, desde o funcionário mais simples até o diretor dessas unidades. Quando você passa a ter um grupo tão ampliado, quase que seis vezes, você perde essa dimensão. Então a primeira preocupação nossa na administração central foi procurar conhecer essas escolas, as pessoas que estavam lá, direção, o grupo de professores, então isso acabou incorporando, na minha, uma visão muito ampliada do que é o ensino. Eu fiquei nessa função até noventa e cinco e em noventa e seis eu voltei novamente para a sala de aula, é. Em noventa e cinco também particularmente, eu tive a oportunidade na, na função, na administração central de conhecer algumas escolas, é, técnicas que foram agregadas em noventa e quatro e uma delas foi o Bento Quirino, onde eu tive a oportunidade de conhecer duas pessoas que realmente fizeram, é, mudar a minha forma de pensar a escola técnica, de, relacionada a escola técnica: a professora Orleide, que na época era a diretora do Bento Quirino e o professor Jun Tanaka que era o coordenador do curso. Foram duas pessoas que, a forma, como eles falavam da escola, era uma forma assim tão carinhosa e tão empolgada, que eu falei assim: eu preciso conhecer essa escola. Eu acabei conhecendo em noventa e cinco e em noventa e seis, quando eu me desliguei da administração central, eu vim para a escola técnica como professor, eu ampliei... a minha carga horária no Bento. Na realidade eu não ampliei, eu dividi a minha carga horária da Lauro Gomes e no Bento Quirino, daí eu fazia dois dias aqui e, segunda e terça eu me lembro bem, dava aula aqui no Bento Quirino, quarta, quinta e sexta na Lauro Gomes. Em noventa e sete, eu transferi em definitivo a minha carga para o Bento Quirino. Então desde noventa e sete eu sou exclusivamente do Bento Quirino, mas aquela conversa inicial que eu tive com a Orleide, que eu tive com o Jun, é, e, e uma outra coisa, a Lauro Gomes, ela, ela foi uma escola assim marcante pra mim, porque, foi meu primeiro trabalho como professor, ex aluno, trabalho como professor, fui coordenador, cheguei um tempo, uma época, durante pouco tempo, a ser diretor da Lauro Gomes, quando ainda eu trabalhava na administração central. Então eu tive uma, e a Lauro Gomes pela história dela, ela foi, uma escola assim com muita condição de trabalho, quando eu vim para o Bento Quirino recém integrado

ao Centro Paula Souza , com um monte de necessidade, é, eu entendia que pelo conhecimento que eu tinha que eu deveria modificar essa realidade e foi o que eu fiz bastante apoiado pelo, pelo Tanaka na época, o Jun Tanaka que era o coordenador. Então algumas iniciativas que a gente já fazia na Lauro, na Lauro Gomes, a gente conseguiu gradativamente trazer aqui pro Bento Quirino. Uma escola que tinha muitas necessidades, pouco a pouco, a gente foi conseguindo, é, melhorar as condições de trabalho. É claro, comparado com as condições atuais, as condições que a gente conseguiu melhorar era um, muito mais deficitárias, não tenha dúvida, e eu falava tanto também da Lauro Gomes, que eu consegui trazer de lá alguns professores, né? Transferindo para cá, eu acabei convencendo pela minha fala alguns professores, o Susuki o Vagner Seco que ainda estão aqui na escola. E, e, o que foi marcante é que minha história de vida na Lauro Gomes, ela acabou ajudando, a minha forma de trabalhar aqui no Bento Quirino e contribui acho que de maneira bastante significativa com algumas realizações. Eu me lembro que a gente, é. Nós conseguimos um trabalho, que eu acho assim, muito marcante também, que eu faço questão de lembrar, que foi a ... Nós ficamos sabendo que tinha uma fundação, a fundação Vitae que ela financiava projetos é, escolares, e um dos projetos era criação de um curso. Você queria montar um curso na escola, você escrevia o projeto, formatava o projeto, enfim, justificava e eles faziam o financiamento. Eu me lembro nós conseguimos, com a ajuda de muitos professores daqui, o Jun, a Orleide, eu me lembro da professora Suely que era da coordenação pedagógica, com a ajuda de muitos outros professores, nós conseguimos escrever o projeto e que deu condições pro Bento Quirino montar o curso de telecomunicações, que foi um curso que a gente percebeu na época, que era um curso que tinha, é, importância, ele tinha demanda, não é? e um financiamento que na época foi estimado, ehn, quinhentos mil, quinhentos mil reais, na época, isso noventa e cinco ou noventa. Noventa e cinco não, noventa e oito, em mil novecentos e noventa e oito, então pra época era um valor bastante significativo, nós conseguimos equipar com isso, é, um laboratório, o laboratório que foi o primeiro laboratório de telecomunicações que a escola teve, nós conseguimos comprar alguns equipamentos, é, de primeira, pra montagem desse curso. Acho que isso é uma coisa assim, marcante, que a que a, que eu consegui trazer aqui para o Bento Quirino, falo eu, assim por que sou eu quem estou falando, certamente com a, não posso deixar de lembrar ajuda da, a cumplicidade do professor Jun, Jun Tanaka, a professora Orleide e da professora Suely que também acreditaram na minha fala e acreditaram que aquilo poderia ser viável como realmente aconteceu. Acho que isso foi o primeiro trabalho que a gente pode dizer que foi marcante pra mim e pro Bento Quirino. Depois, é, quando eu acabei me desligando, assim, da administração central, eu sempre incentivei outros professores a terem essa experiência, né, de não, é, se a oportunidade fosse aberta, de não, é, pegá-la, eu me lembro que nessa linha entraram o Renato Saldini, que trabalhou na administração central e depois foi diretor da escola, a própria Suely também, ela fez um trabalho como professora coordenadora de projetos junto a administração central, é a Suely, a Sílvia Culhari também durante um tempo trabalhou lá, enfim, eu consegui, por conta da minha experiência lá, que eu sempre falava que era importante a gente ter a

oportunidade de trabalhar na administração central, que isso daria uma visão diferenciada pra gente, uma experiência diferenciada pra gente, uma experiência até na sala de aula mais rica, não é, porque você enxerga a escola numa visão um pouquinho mais afastada, um pouquinho mais isenta, mas, mais também realista né. Por fim, eu consegui convencer alguns e atualmente a gente conta, tem o professor Jun Suzuki que trabalha na administração central e ele vem fazendo esse trabalho com bastante, é, é, é, digamos assim, com bastante frutos, porque ele, ele tem, ele, digamos, com essa, com essa posição ele conseguiu trazer também por Bento Quirino, algumas, é, algumas experiências interessantes. Como? A escola, ela é, ela é projeto piloto de algumas iniciativas do Centro Paula Souza. E alguém, alguém, o pessoal sempre acaba falando o Bento Quirino é privilegiado. Acaba sendo privilegiado porque quem comanda, ele conhece mais o Bento Quirino, então ele acaba pensando mais no Bento Quirino. Com isso a gente tem alguns favorecimentos, mas acho que isso, é, é algo que a gente consegue, que, que eu consegui também trazer aqui pra escola e isso deu uma situação diferenciada pro Bento Quirino. É, uma visão assim, que agora que eu estou mais, eu deixei a coordenação pedagógica, deixei a coordenação de curso agora, eu também penso que quando a gente tá no, tá no, tá no final da, da, da sua situação profissional, acho você tem que, não só deixar um legado, mas você tem que estimular os mais jovens a terem essa experiência, porque se ela foi importante pra mim, se ela me ajudou, se ela me enriqueceu, eu acredito que, é, pra esses novos professores isso também vai ser importante. Então, eu tenho sempre estimulado os mais novos a assumir a coordenação, eu tenho sempre, é estimulado outros professores a assumirem cargos no sentido de que, de que isso vai modificar a forma de eles pensarem, né, se isso foi importante pra mim, certamente vai ser pra eles. Eu tenho percebido que isso, é, é, tem criado, estimulado, aqui na escola mais pessoas começam a pensar a escola, mais pessoas começam a se preocupar com a escola e isso é bom. Quanto mais pessoas pensam, você tem uma multiplicidade de visões, você tem mais pessoas trabalhando e eu acho que quanto mais pessoas trabalharem na escola, o aluno ou o corpo docente vai ter mais benefícios. Eu, eu penso que o trabalho na escola, seja em escola pública, seja em escola particular, mas em uma escola ele que tem de ser um trabalho efetivo, tem que ter um trabalho assim de doação? Tem, eu acho que, é, eu crítico, critiquei a questão do, de você se doar demais, mas eu sempre coloquei de uma forma realista, que se eu estou em um determinado local, eu tenho que procurar ser o melhor, e eu acho que fazendo isso, ele é pago, quando observo os alunos retribuem ou agradecem, ou eles se relacionam com a gente de uma maneira que mostra que eles estão reconhecendo o nosso trabalho. Então eu tenho convencido alguns aí, a ficarem como coordenador e eles tão percebendo que aquela minha, minha, a minha fala foi importante para eles e está sendo. Então eu fico muito satisfeito com isso. Vejo alunos também falando, que a escola, que eles não, é, que o Bento Quirino é uma escola diferenciada porque proporciona, estimula trabalho, a participação em feiras, estimula o desenvolvimento de projetos, mas, isso são coisas que, ahn, a minha, a minha, a minha realidade, a minha experiência de vida, né, acabou mostrando que isso é importante e que eu tenho que fazer isso, por, por estas novas gerações. É, a gente tem



assim, atualmente no corpo docente da escola, muitos ex alunos, é, é, alguns que foram alunos diretamente da gente, alunos que cursaram eletrotécnica e alguns alunos que são alunos indiretos, que fizeram outros cursos e que voltam para a escola como professores. Alguns até fizeram um curso técnico na área de contabilidade e depois faziam o superior em uma área diferente, mas ainda assim eles voltam, com um, é, com, com, com um carinho pra escola, é, mostrando que aquela verdade que a gente acreditou, eles ainda acreditam e certamente eles vão procurar, é, mantê-la viva, procurar passar a frente para os alunos, e, enfim, a, eu tenho, atualmente, esse ano eu completo quarenta e três anos de ensino técnico, né, eu faço assim um balanço desses quarenta e três anos, assim de maneira muito, é, de maneira assim que eu posso dizer, é, não tenho assim, é, arrependimento do que eu fiz, não é, não tenho arrependimento do que eu fiz e tenho procurado estimular sempre esse tipo de desenvolvimento, esse tipo de relação com a escola, para os novos professores, para os alunos e até talvez para os futuros professores que são esses nossos alunos, no sentido de que, é, ele tem que, tem que levar a escola com bastante cuidado. Cuidado no sentido de carinho, né, cuidado no sentido de atenção, não cuidado no sentido de uma precaução. Acho que quando você está em uma escola, o cuidado que você precisa ter não é você estar, é, assim com um pé atrás, não é o cuidado do pé atrás, é o cuidado, de você ter certeza que quando você vai dar um passo pra frente e você vai dar de maneira que a possibilidade de acertar é muito maior do que a possibilidade de errar. Não que a gente, é, tenha receio do erro, não é, mas a possibilidade maior de acerto, ela tem que ser uma coisa, é, pensada, planejada, enfim, é, a expectativa, né, que eu tenho é de deixar a minha forma de trabalhar, a minha forma de pensar pra eles, para os novos, os novos professores, os novos alunos que eu o que ainda chamo de futuros alunos, e, eu tenho uma fala com os alunos e os ex alunos que, que foi inclusive uma conversa muito séria que eu tive com uma professora há muito tempo atrás, isso lá, quando, ainda eu era aluno da escola técnica Lauro Gomes. Um professor meu de matemática falou assim: o aluno de escola pública, principalmente, isso em mil novecentos e setenta e dois que ele falou, olha quanto tempo, ele falou assim, não falou pra mim, falou pra classe: o aluno de escola pública, ele precisa ter uma relação diferente do aluno da escola par, porque é um bem público, ele tá se valendo de um bem público e ele precisa um dia, é, devolver, esse devolver entre aspas, mas ele precisa dar o retorno desse bem público que eu chamo agora de retorno social, né, eu sempre falo que o aluno de, o ex aluno de escola pública, ele precisa dar o retorno social e é a fala que tenho com alguns ex alunos que agora são professores, é o retorno social que você vai ter que fazer agora. Você tá dando o seu retorno social. A sociedade investiu em você e você pode ocupar um banco dessa escola e agora você tem que dar esse retorno social para estes alunos. O que significa esse retorno social? Trate-os com a melhor, da melhor forma possível, faça com que as condições desse aluno, sejam as melhores possíveis. Façam, façam com que o curso que ele vá frequenta seja o mais estimulado possível, que este é o retorno que você pode, é, por ter aproveitado uma escola pública você pode dar para a sociedade. Então, é uma coisa assim que eu penso, que eu falo muito, é, as vezes até para os alunos de primeira série, falo isso, assim num tom um

pouco mais de brincadeira, até por que, eu, a gente vai fazer sempre essa iniciação. Quando o aluno está no terceiro ano, eu deixo a ele muito claro, olha: Tá na hora de você pensar num nível superior, tá na hora de você fazer um curso de graduação, tá na hora de você fazer um nível superior, e daqui há quatro anos, daqui há cinco anos, quando você tiver a oportunidade de participar de um processo seletivo, de um concurso público, pense com carinho em voltar à escola para você ser professor dela. Professor, professora, né, e eu tive um professor falando isso pra mim, um grupo, mas que me tocou muito, e aquilo marcou, isso também me foi, uma verdade que eu sempre carreguei como aluno, como professor, quando eu fui coordenador de curso, quando eu fui, tive a oportunidade, por um pequeno tempo, ser diretor de uma escola técnica, quando eu fui coordenador pedagógica, coordenador pedagógico, quando eu trabalhei na administração central, essa dimensão sempre procurei lembrar, nunca esquecer e aplicar. Aplicar no sentido de que é fazer sempre um bem para a escola pública, pra que ela pudesse disseminar para um grupo maior.

**ABV:** Jitsu, eu tenho uma curiosidade,

**JT:** Mudei um pouco a questão da linha do tempo aí, mas.

**ABV:** Não, mas ficou excelente, mas eu queria perguntar a você: Você tem quarenta e três anos de magistério, né, então você pegou ditadura militar.

**JT (ao fundo):** sim

**ABV:** Abertura política e o tempo presente. Como é que você vê, você pensa, as alterações que se processaram na relação entre alunos e professores, observando essa, esse pano de fundo político. Por exemplo, nos anos setenta, do ponto de vista regimental, direitos e deveres dos alunos, como, como é que isso se transforma, né? A sua percepção disso.

**JT:** Olha, certamente até a, final da, eu diria assim mais ou menos, até mil novecentos e oitenta e cinco tá, assim uma lembrança um pouco mais, mais, é, eu acho que a relação professor aluno, era uma relação assim mais, mais distante, mais distanciada, é, isso, é, a gente observava em alguns detalhes, pra você ter uma ideia, a Lauro Gomes, ela foi assim uma coisa muito marcante nesse sentido, ela, o professor, ele ficava num, numa plataforma mais alta, ele tinha uma plataforma mais alta, ele dava aula, então, o professor já, mesmo com essa minha altura, eu já via os alunos de cima, então, isso já, o aluno tava um degrau abaixo, então isso já é, acho que é reflexo dessa época. Da época que a gente vivia. A, recuando um pouco no tempo, quando eu comecei, que foi em mil novecentos e setenta e cinco, a própria relação professor, coordenador de área, coordenador de curso, então, também já era uma relação um pouco mais distante. Direção, a direção da unidade com o professor também, era um, a organização do trabalho docente, ela já era mais impositiva, você tinha que fazer um plano de aula e pra você ter uma ideia, na década de setenta, de setenta e cinco até oitenta, que eu me lembre bem o tempo, oitenta, oitenta e um, a gente fazia o plano

de curso, o plano da disciplina, do componente curricular e a previsão do plano por aula, por aula, era mais organizado? Talvez, mas era muito mais rígido, que qualquer alteração que a gente tivesse que fazer, tinha que ser justificado para o coordenador de curso, para a dire, para o coordenador, na época, pedagógico e para o diretor de escola. É, a nossa relação, pra você ter uma ideia, era obrigatório, na Lauro Gomes era obrigatório o uso do avental branco em sala de aula. Era obrigatório o uso de sapato, não era, não podia usar tênis, era sapato, o professor tinha que entrar na aula de sapato. O professor tinha que entra, se ele tava dando aula, tinha que ficar com o seu avental branco, se fosse lá na oficina com um jaleco próprio, não era, não era a questão da segurança que primava, primava, porque eles falavam assim: você precisa ser identificado no ambiente escolar, que você é o professor, era essa a fala. Não era por causa da proteção, hoje o uso do jaleco, ele tem um outro caráter, isso, isso era o que? Década de setenta, até oitenta e cinco isso, até oitenta e cinco isso ainda era muito marcante. Um pouco mais para a frente, de oitenta, de oitenta e cinco pra, de oitenta e cinco pra frente, a própria Lauro Gomes, ela deixa essas questões de uso de avental com menos rigor, e o professor

**ABV:** Só um minutinho.

**JT:** Bom eu vinha falando da, uma coisa marcante desse período que a gente começa a observar nesse período aí, eu acho que a sistemática de avaliar, ela era mais rígida, não, nesse período inicial que eu falei de setenta e cinco pra mim até oitenta e cinco. Nessa época uma coisa que eu achava assim interessante, que eu nunca tinha visto em outras escolas, era a composição da avaliação na Lauro Gomes tinha o reconhecimento do desempenho do aluno, do professor observar o aluno e não fazer avaliação meramente só, baseada no conhecimento, mas era também no, no envolvimento desse aluno com o próprio, é, com o próprio domínio do conhecimento, quanto do desenvolvimento da, da, das aulas. Isso foi uma coisa diferenciada que eu achei que a escola e essa forma de avaliar começou a fazer parte da minha prática também. Quando eu sai, quando eu ia pra outra que, junto com a Lauro Gomes eu tive oportunidade de trabalhar em três escolas particulares. Então, essa forma de enxergar o aluno eu também levei para outras escolas, mesmo sendo escolas particulares. A partir de oitenta e cinco, eu acho que o, o Centro Paula Souza, ele começa a ter algumas mudanças, porque o grupo de quatorze escolas se constituiu, se, se define. E, é, só para lembrar, oitenta vem o primeiro grupo de escolas que faz parte do Centro, depois mais seis em oitenta e dois, então em oitenta e cinco, oitenta e seis, é quando o grupo começa a ter uma identidade, o grupo de doze a quatorze escolas, começa a ter uma identidade. Então, é quando o movimento de reivindicação, principalmente dos docentes começa a pegar corpo. Tá, é na época que, que os professores passam a ter o reconhecimento da própria instituição e passa a ter uma carreira docente. De três níveis que nós tínhamos, nós passamos a ter seis níveis. O Bento Quirino, quando da integração, no começo da integração passou por isto, tinham os seis níveis. E passa também por uma avaliação, o professor pra atingir os dois últimos níveis, ele tem uma avaliação de desempenho também. Não tou aqui nem colocando se aquilo

era interessante ou não, mas é, o fato do corpo docente passar a ter uma carreira docente, isso também faz com que o trabalho do professor seja, é, modificado, a relação professor, a relação que o professor tem com o trabalho, ela é modificada, porque o professor também, ele passa a ser reconhecido pelos cursos de, de, de atualização que ele faz, pela publicação de material que ele faz, tá. Então, eu entendo que pra mim, é, na, na, o professor na intenção de ter uma, uma, uma, um enquadramento, né, uma, uma ascensão profissional, melhor, ele também passa a investir nele, e certamente, isso deve ter melhorado à sua postura, o seu trabalho na sala de aula. Isso pra mim foi uma coisa interessante, porque até então, a gente não tinha isso reconhecido e passamos a ter. É quando o Centro Paula Souza passa, tem ampliado o número de escolas também, os professores, principalmente das quatorze escolas que eram antes privilegiadas, mais privilegiadas, também tem uma mudança de postura. E eu percebi isso muito quando eu voltava para a Lauro Gomes. Em noventa e cinco, eu fiquei um tempo na administração central e também dois dias na Lauro Gomes, eu pude perceber que a vinda das escolas, é, é, a ampliação das escolas, passando de quatorze para oitenta e seis, faz com que os professores das quatorze escolas técnicas se sintam, é, não mais diferentes, se sintam como se fossem professores comuns. Ele não é tão identificado, ele passa a fazer parte de um grupo maior, então, isso também faz com que, é, é, tenha uma mudança na postura, na prática dos professores, até na sala de aula. Acho que não deveria ter, mas acaba refletindo. E agora mais recentemente, uma outra mudança que a gente percebeu, que eu percebi, é quando a escola passa a oferecer, isso foi praticamente em noventa e oito, né, passa a oferecer, é, o, curso modular. Até então, a experiência das escolas era o curso integrado, quando ele passa a oferecer, quando as escolas passam a oferecer também o curso modular, a primeira reação que a gente percebe dos professores é que aquele curso, era um curso de segunda categoria. E se era um curso de segunda categoria, era o pensamento de alguns professores, não era um curso que ele professor precisaria se preocupar tanto. Quando esse curso modular, ele passa a ter um corpo diferenciado, que outros alunos, alunos mais diferenciados passam também a procurar, então a postura do professor muda. E quando eu fala muda a postura do professor, a preocupação que o professor tem com aluno, é, é quando ele tem, ele entende que é um curso de segunda categoria, quando ele tem, ele passa perceber que esse curso não é de segunda categoria, é um curso que tem um valor que o mercado reconhece e que ele consegue trazer, é, profissionais pra sala de aula, né, alguns até que já tinham um boa escolaridade, mas eles retornam, até pra ter uma outra profissão. A cabeça do professor começa a mudar, falou opa, é um curso que o aluno é diferente. Quando a gente, é, volta depois, mas a oferecer, já em dois mil e dez, dois mil e doze, a gente passa a oferecer de novo o integrado, não é, é, então, mantendo a oferta do modular, mas de novo o integrado. É se vê que coisa interessante, né, deixa eu só contar um pouco do que eu percebi, principalmente aqui no Bento Quirino, que, quando a gente tinha, é, o curso integrado, o trabalho do professor da, na época chamava de núcleo comum, da parte comum, o trabalho do professor da parte profissionalizante eu acho que chegou num ponto que estava mais afinado. O professor de ciências,

matemática, física, biologia, química, o professor de língua portuguesa, ele conversava mais com o professor da área técnica e o professor da área técnica também conversava naturalmente com o professor da parte comum. É, quando a escola passou um, a, a, a escola passou a oferecer mais modular foi em dois mil, foi a última turma do antigo integrado. Em dois mil, praticamente em dois mil e gente passou a oferecer modular, até dois mil e dez dois mil e doze, é, esse trabalho mais próximo da parte comum com a parte diversificada, ela ficou afastada até naturalmente, porque a escola oferecia o ensino médio, em um período, mais de manhã tarde e noite o modular. Então, até a própria possibilidade dos professores se encontrarem ficava distante, então, eu me lembro, quando a gente retomou o, o integrado em 2012, o trabalho do professor do, da parte profissionalizante e da parte comum continuou ainda separado, distante. Mais recentemente, quando eu falo mais recentemente é o que? Depois da primeira turma de integrado, isso em dois mil e quinze, dois mil e dezesseis, tendo concluído, acho que a gente consegue recuperar um pouco o trabalho integrado em dois mil e dezessete, dois mil e dezoito. E quando a gente fala recuperar o trabalho, é recuperar o trabalho e recuperar também a visão do professor do ensino médio avaliando o aluno e a visão do professor da parte profissionalizante, da parte profissionalizante avaliar o aluno. É, eu acho que ainda a gente, é claro dois anos não são suficientes para afinar, mas eu acho que a gente tá conseguindo, né, dar os seus primeiros passos numa avaliação mais, é, única, com uma unidade de, de procedimentos de avaliação um pouco mais próxima, né, se eu não diria mais próxima, mas também não tão distante. Então, é, e agora a gente vive, agora a gente tá, tá numa relação, numa situação que o aluno, ele não é, não é distante do professor, ele não enxerga o professor como aquela autoridade, é né, o supassumo, ele questiona o professor. Em setenta até oitenta e cinco, esse questionar o professor era muito raro. O professor começa a perceber que avaliar, não é necessariamente, por prova escrita, né, aquela prova tradicional, prova de medida de conhecimento só, ou as vezes até memorização. Ele começa a perceber que avaliar tem outras questões, e isso é resultado, é, de, da relação com o aluno, da mudança que o aluno vem, da própria mudança, é, que a gente tem, da tecnologia influenciando, agora você consegue é, garan, é, eternizar, tornar eterno um momento tirando uma foto em sala de aula. Não precisa de um aparato, o, o momento, é, o transitório você consegue eternizar, você consegue perenizar o transitório com um, com, (tosse) com um smartphone, coisa que se tem na mão. Então, eu acho que, tudo isso, ele vai fazendo com que, a, a nossa, a prática docente, ela tenha que ser diferente, não que ela seja diferente, ela tenha que ser diferente. É, é, eu consigo, é, ter do aluno uma resposta mais imediata. É garotada, eu queria saber se, é, as características de um determinado componente. Não preciso mais ter aqui um manual dos componentes, se eu não for num google da vida, ele vai lá dá o código dele, a gente já entra, ele tem as informações. Então isso, muda a dinâmica da nossa aula. Certamente o professor de ensino médio, também vai fazer isso, não precisa necessariamente levar um globo, aquele mapa-mundi, aquele mapa na sala de aula. Ele pode muito bem orientar o aluno, z entrar na internet, entra no google, como diz à minha neta diz: Vê entra no google aí, que você acha as coisas. E ele pode

trabalhar isso, e é uma ferramenta muito útil, ferramenta que o aluno tem lá, nas mãos. Uma classe aí, a gente tem certamente, uns dez alunos que tem acesso ali, na sala de aula. É, eu trabalho, com a influência, a necessidade da gente mudar, e de que como a nossa forma de avaliar também muda. É, eu trabalho com textos, é, técnicos que são orientações, que são tabelas que o aluno tem de vasculhar, é, lá no dimensionamento de condutores, lá em instalações industriais. Eu já não preciso me preocupar em levar um monte de livros ou um monte de tabela, basta eu dar a referência pro aluno, que ele vai lá com seu *smartzinho*, ele pega lá, e ele consegue acessando. Então, olha como enriqueceu o nosso trabalho, como ficou mais dinâmico o nosso trabalho então isso tem de ser considerado também. Eu acho que isso também faz a gente repensar a forma de trabalhar. E tem que fazer, e, uma outra coisa que muda da, que a, que se tem muito, a nossa, o nosso posicionamento quando antes o que você falara era inquestionável, se você cometer um deslize ou se você come, o google, se o smartphone e fala: O pissor, acho que não é bem esse valor que ce está dizendo não. Não é esse, não é esse outro valor? Então, até por conta dessa, dessa dinâmica, o posicionamento, a posição do professor, ela já não é daquele detentor do conhecimento, né, e não que isso vá, é, como eu falo, diminuir a autoridade do professor, muito pelo contrário, é, eu acho que o trabalho do professor sempre foi, sempre foi e sempre será, é, trabalhar de modo que o aluno sempre seja um cidadão com autonomia, profissional com autonomia, um, um profissional que vai saber tomar a decisão correta, um profissional pro ativo, ele tem que fazer isso onde? Ele tem que trabalhar isso na sala de aula, eu acho que agora, com todos esses recursos que a gente tem, o aluno, ele tem, essa, essa autonomia procurada, conquistada, assegurada também com estes instrumentos, com esses equipamentos. Então eu acho que o professor e eu penso assim, eu procuro fazer, eu procuro fazer com que minha postura seja sempre assim. Eu tenho que ter essas ferramentas como aliadas. Agora, eu só não gosto muito de fazer, é, alguns comentários, principalmente na nossa oportunidade que a gente tá tendo, com aluno, porque senão acaba polemizando muito, mas a gente sem querer é traído, eu sou traído, de fazer alguma, alguma crítica, algum comentário, das ideias que eles tão querendo fazer com a educação, né. Então, eu procuro, é, nas aulas para, porque senão a gente acaba se inflamando e acaba se desviando da aula, mas os recursos tecnológicos também dão essa margem para isso. Quando a gente fala procura uma base nacional curricular comum, o aluno de pronto ele tem isso, então dá pra gente discutir isso, mas eu procuro fazer com que a tecnologia esteja mais a serviço da, da, do tema da aula, mas que, até nesse sentido, a gente tem condições de trazer. A gente pode muito bem ter um, acessar um site, você pode recuperar um determinado programa e outra coisa, ainda na, na área da, da contribuição da tecnologia, você pode trazer pro aluno rapidamente, sites de inovação tecnológica, é, sites, é filmes que enriquecem a aula e você não precisa ter um aparato tecnológico na sala de aula, tá? Se você tiver um grupo com quatro cinco alunos, eles podem compartilhar isso com os colegas é só você orientá-lo, o aluno a acessar o portal, sei lá, o, a indicação para ele, de como se fala, do link que ele deve trabalhar. Então, eu acho que, é, nesse, nesse segmento, a gente tem que ter essa predisposição e eu tenho certeza que, cada vez mais, é,

isso vai ser uma, ser uma necessidade, é, do professor independente de qualquer ramo, seja ele da educação profissional, seja ele do, da educação, da educação mais propedêutica, seja ele de nível superior, ele tem que estar sensibilizado com isso, possibilitar ao aluno na sala de aula fazer isso, acho que só contribui, acho que só isso, que eu penso que, é, é, a gente tenha que alertar os professores, os professores novos, estimular os alunos a fazerem e a gente também se, a, se predispor a fazer, não é? Acho que é isso que é, espero que eu tenha realmente atendido a expectativa, a gente acaba falando muito, porque quando a gente começa a falar assim, é, a gente perde até um pouco a ordem cronológica, né, porque a, uma situação que acontece agora, pode me fazer lembrar uma coisa que eu tive outrora, eu, eu me lembro assim, é, quando eu vejo a facilidade com que a gente tem por exemplo, até de você e isso a gente já fez na sala de aula, a gente estar fazendo um experimento na, sobre a mesa, e, se eu quero compartilhar com o grupo da sala, eu posso pegar uma webcam, né, pegar o meu laptop, colocar no, é no, no data show e ele fica no telão, o aluno ele fica confortável lá na sala, acompanha o experimento, a montagem, mais ali, sabe, como a gente fala ao vivo, *online*, né. Então acho, que a gente tem que estar sensível a isso, né, e isso, vai certamente enriquecer, mas certamente vai modificar a relação professor aluno, vai modificar a forma como o professor vai avaliar um aluno. Acho que isso tem que ser trazido pra, pra realidade da escola. A única coisa que eu ainda não acho que, que, que a tecnologia consegue fazer é a gente professor gravar uma aula e depois deixar naquela tela fria pros alunos assistirem. Eu acho que ainda precisa ter esse calor, né, é, esse calor humano, principalmente nos tempos de hoje, né. Nos tempos de hoje, isso é imprescindível.

### **Descritores**

Américo Baptista Villela

Associação dos Docentes de Escolas Técnicas do Centro Paula Souza

Centro Paula Souza

Centro de Memória “Orleide Alves Ferreira”

Educação Profissional

Engenharia Operacional

Ensino Técnico

Etec Lauro Gomes

Etec Bento Quirino

História Oral na Educação

Jitsunori Tsuha

Memória do trabalho docente

Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza.

## Dados Biográficos do Entrevistado



Professor Jitsunori Tsuha na sala dos professores da Etec Bento Quirino, em 05 de setembro de 2018. Fotografia: Américo Baptista Villela

Jitsunori Tsuha é professor da Etec Bento Quirino. Nascido em 10 de agosto de 1955, em Okinawa, Japão, imigrou para o Brasil ainda criança, com apenas dois anos de idade. Ingressou na ETI Lauro Gomes como aluno, onde realizou o curso técnico de, sendo logo depois admitido como professor. Prosseguindo os estudos, ele ingressou na FEI – Faculdade de Engenharia Industrial – atual Centro Universitário FEI, onde realizou o curso de engenharia operacional. Prosseguindo os estudos ele ainda realizou o curso de Matemática na Faculdade de Educação e Cultura de São Caetano. Em 1981, o convênio entre FIESP, Governo do Estado, Prefeitura de São Bernardo que havia criado ETILG se encerrava o que provocou a incorporação da mesma pelo Centro Paula Souza em 1982, nesse processo o professor Jitsunori passa a compor os quadros da instituição. Fez parte também da Associação dos Docentes das Escolas Técnicas do Centro Paula Souza que conjuntamente com a Associação dos Servidores do Centro Paula Souza em 1993, criaram o SINTEPS – Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza. Foi Professor, Coordenador de Área e Diretor da Etec Lauro Gomes em 1994, tendo sido posteriormente Professor, Coordenador de Área e Coordenador Pedagógico da Etec Bento Quirino.



## Dados Biográficos do Entrevistador



Professor Américo B Villela em Sala de Aula da Etec Bento Quirino, em 1994.  
Fotografo: Aluna Lis Peres

Américo Baptista é professor da Etec Bento Quirino e historiador lotado no Museu da Cidade em Campinas. Nascido em 11 de março de 1970, é natural de Jaboticabal, São Paulo, onde cursou o ensino médio pela manhã e o técnico em Contabilidade no período noturno na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus “Aurélio Arrobas Martins”. Concluído o ensino médio, ingressou no curso de História da Universidade Estadual de Campinas onde obteve os títulos de bacharel e licenciado em História no ano de 1991. Em 1996, retornou à pós-graduação em História na mesma universidade, iniciando o mestrado com o projeto “Os (des) caminhos da cultura: política cultural e memória em Campinas”, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari. Em 1997, foi forçado a interromper os estudos, obtendo o título de especialização em História Social. Em 2008, retorna à pós-graduação, agora na Faculdade de Educação da Unicamp ingressando no mestrado e obtendo o título de mestre em 2011 com a defesa da dissertação

“O instituto profissional masculino Bento Quirino: uma visão social ideológica, maçônica, industrial e republicana”, sob orientação do Prof. Dr. Sérgio Eduardo Montes Castanho. No mesmo ano, cursa a especialização em “História da África e das culturas afro-brasileiras” tendo como temática “Da legalidade a realidade: A questão africana em sala de aula”, sob orientação do Prof. Dr. Acácio Almeida apresentando o ensaio A lei, ora a lei...: uma análise da aplicação da lei 10.639 na Etec Bento Quirino em campinas, que foi publicado posteriormente na obra “Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem”. 1ed.Campinas: Pontes, 2013, v., p. 107-130. organizada por Monari Evelyn Belo, Eraldo Leme Batista e Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. Endereço plataforma lattes <http://lattes.cnpq.br/2252310371562744>

**Anexos** (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem